

A inveja e o ciúme no quotidiano

RESUMO

Os afectos e as emoções são a base da condição humana e da sua relação com o mundo.

Expressam-se através dos nossos desejos, fantasias, expectativas, nas palavras e nos gestos, no que fazemos e no que pensamos; é o que nos faz viver. A inveja e o ciúme, tão antigos quanto o próprio Homem o é como ser “em relação com o outro”, estão transversalmente presentes no quotidiano do ser humano, na literatura, no cinema, na pintura, nos mitos e nas lendas que nos assombram. Surgem, por isso, amplamente representados seja nas relações primárias infantis ou nas relações amorosas adultas, deixando marcas da sua presença ao longo de diversas épocas da nossa história. Neste contexto, e dada a sua relevância nas nossas vidas, considera-se pertinente a exploração do tema d’ A inveja e o ciúme.

Este trabalho visa, assim, elaborar uma revisão teórica em torno dos conceitos da inveja e do ciúme, permitindo uma integração das principais teorias psicanalíticas acerca das várias fases do desenvolvimento psico-afetivo da criança (desde S. Freud a M. Klein). Através de uma abordagem psicodinâmica, estabelece-se a ponte entre estes dois conceitos e a rivalidade fraterna, também ilustrada com a apresentação de dois contos infantis, A Gata Borralheira e A Branca de Neve.

Conclui-se que a inveja é, ontogenicamente mais arcaica que o ciúme, evoluindo sempre um no outro, de um para o outro.

Figueiredo, P.*; Serrano, A.*; Zaragoza P.; Almeida I.; Esquina R.; Pires P.

**Interno(a) do Internato Complementar de Psiquiatria da Infância e da Adolescência do Hospital Garcia de Orta*



CONCEITO DE INVEJA E CIÚME

- A **inveja e o ciúme**, tão antigos quanto o próprio Homem o é como ser “em relação com o outro”, estão transversalmente presentes no quotidiano do ser humano, na literatura, no cinema, na pintura, nos mitos e nas lendas que nos assombram.
- A ambivalência dos sentimentos próprios do ser humano e a sua complexidade intra e inter-relacional surgem representadas em dois pólos distintos mas não totalmente opostos: o céu e o inferno. Nas palavras de José Tolentino Mendonça, *“A forma com que nos aparecem as possibilidades do bem e do mal não são tão diferentes assim. O que as separa, explicava já o célebre rabino Soloviel, é muitas vezes o inaudível som de uma gota de chuva a cair no mar”*.
- De um ponto de vista puramente etimológico, os conceitos “inveja” e “ciúme” derivam de uma origem latina distinta, respectivamente: **invidia** (*in* – sobre; *videre* – ver), i.e., “fixar os olhos sobre algo” e **zelumen** (*zelus* – zelo, paixão, emulação).
- O dicionário *Larousse* define a “inveja” como um “sentimento de cobiça, de irritação rancorosa para com a felicidade ou vantagens de outro”, surgindo por isso na relação dual. Por outro lado, o filósofo Comte-Sponville refere que “o ciumento quer possuir sozinho o que acredita ser seu, sendo que toda a posse verdadeira é impossível ou ilusória”, provocando assim um “temor na perda” que, ao contrário da inveja, só é possível na relação triangular. O dicionário *Larousse* acrescenta ainda que ciúme é um “sentimento penoso causado pelo temor de que o ser amado dedique o seu afecto a outro; receio de perder algo”.
- Assim, a pessoa que tem ciúmes “ama” aquela que o leva a ter ciúmes, enquanto que a pessoa que inveja “odeia” aquela que é alvo da sua inveja.



A INVEJA E O CIÚME NOS CONTOS INFANTIS

- A finalidade da literatura (e dos contos infantis em particular) é orientar a criança no sentido de descobrir a sua própria identidade e crítica acerca do mundo que a rodeia. É através desta “vida adivinhada por dentro” de fantasias, sonhos e personagens místicas, que ela procura responder às tensões inconscientes que vão surgindo e desvanecendo ao longo do tempo.
- Os contos infantis oferecem à criança novas dimensões do saber que seriam impossíveis de adquirir por si só, reestruturando as fugas e devaneios do seu pensamento. A sua dimensão simbólica permite à criança encontrar soluções sem nunca as relatar, levando-a a entrar num mundo que se apresenta de acordo com o seu: “*O Sol está vivo porque dá luz, a pedra está viva porque rola pela montanha, o ribeiro está vivo porque a água corre nele*” (J. Piaget).
- **A Gata Borralheira**, um dos mais antigos e relevantes contributos nesta área, apresenta-nos de forma inigualável as experiências infantis da jovem criança angustiada pela maldade e mesquinhez das suas meias-irmãs. *Aschenputtel*, o título original deste conto, remete-nos para o “cuidar das cinzas da lareira”, símbolo tradicional alemão de degradação e posterior superação da rivalidade fraterna. O triunfo final da heroína revela-se na sua própria condição, alcançando a felicidade através do seu carácter interior (em oposição à exterioridade das meias-irmãs).
- No caso d’ **A Branca de Neve**, outro exemplo claro desta temática, é relatada a forma como a rainha madrasta é destruída pelo ciúme que sente pela filha, Branca de Neve, que a ultrapassa em beleza e bondade ao longo do tempo. A rivalidade fraterna do conto anterior transforma-se assim em rivalidade edipiana, sendo a madrasta destruída pelo carácter da filha, que subsiste e se alastra interiormente.



A GÉNESE DA INVEJA E DO CIÚME

A PERSPECTIVA DE SIGMUND FREUD

- Freud defende a génese do **ciúme** ligada à vivência do **Complexo de Édipo**, enfatizando a importância deste na constituição subjetiva do sujeito.
- O conflito decorre entre 4 e os 7 anos, acontecendo ao nível do inconsciente e consistindo no desejo libidinal ligado à figura parental do sexo oposto e desejo de morte do rival do mesmo sexo, com a intenção de ocupar o seu lugar.
- A entrada no estado edipiano é marcada pelo reconhecimento da “angústia de castração”, que leva o rapaz a temer perder o pénis, ao passo que a rapariga deseja ter um. A criança perante a constatação da diferença de sexos, estrutura a relação com ambos os pais segundo a dupla perspectiva da escolha de objeto e da identificação.

Rapaz	Rapariga
A mãe mantém-se o objeto de pulsão sexual, enquanto que o pai se torna o objeto de ameaça e rivalidade, contra o qual a criança irá direcionar o ciúme. Para a resolução do conflito, o rapaz terá de renunciar à sua mãe sob a ameaça de castração e em proveito do reforço de identificação com a figura parental masculina.	É a decepção/inveja por não ter recebido um pénis da sua mãe que leva a criança a afastar-se do objeto de amor inicial e a procurar no pai a concretização de um desejo de ter um filho seu (de significação fálica). Pela mãe, a sua rival, a menina nutre um ódio ciumento, simultaneamente carregado de culpa, dado que esta continua a ser fonte de grande parte das satisfações pulsionais pré-genitais.

- A evolução harmoniosa envolve o declínio do conflito: a criança deverá renunciar à satisfação dos seus desejos edipianos proibidos e transformar o seu investimento nas imagens parentais em deslocamentos identificatórios: ganha lugar a prevalência do ser sobre o ter – não importa mais a posse ou não posse de pénis, mas sim o ser um homem ou ser uma mulher à imagem das figuras parentais.
- Ao mesmo tempo a criança introjecta o conceito de interdição, pela proibição do incesto: dá-se o nascimento do “Superego” e do “Ideal do Ego”.



A GÉNESE DA INVEJA E DO CIÚME

A PERSPECTIVA DE MELANIE KLEIN

- A autora atribui à inveja um caráter inato e constitucional, sendo expressão da pulsão de morte. Defende que a inveja pressupõe uma relação binária e de dependência do objeto, remontando à mais arcaica e exclusiva relação mãe-bebé, sendo a sua origem pré-edipiana.
- O primeiro objeto a ser invejado é o seio materno e este sentimento surge na posição esquizo-paranóide, estado em que prevalecem os mecanismos de clivagem entre seio bom/mau. Não tolerando a bondade e riqueza do seio farto de amor e leite, a criança deseja despojá-lo e destruí-lo. *A inveja é o sentimento raivoso de que outra pessoa possui e desfruta algo desejável, sendo o impulso invejoso o de tirar esse algo ou estragá-lo.*
- A inveja é ultrapassada quando se restabelece a ligação ao seio, ao sentir o reconhecimento da sua satisfação, em alternativa do sentimento de ódio quando privado. É o sentimento de gratidão que é fundamental à construção interna do objeto bom, que permite aceder ao que há de bom nos outros e em si mesmo.
- Permite-se então a passagem à posição depressiva, caracterizada pela apreensão da unicidade do objeto, e à qual Klein associa o Complexo de Édipo.
- O ciúme, posterior à inveja e surgido de uma relação de triangulação, não se apresenta pelo seu caráter destrutivo, mas sim como essencial ao crescimento do self: aspirar às características daquele que é tido como o seu objeto ideal e por quem disputa o amor de um terceiro.
- O ciúme baseia-se no amor que o indivíduo sente que lhe é devido e que foi retirado pelo rival, e o acesso a ele só se torna possível, caso a inveja do objeto primário não tenha sido experienciada excessivamente. Caso contrário, a criança fica impedida de se aperceber que não pode ter a mãe só para si, ao mesmo tempo em que consegue sentir amor pelos seus rivais.



A RIVALIDADE FRATERNA

- A rivalidade fraterna é foco de diversos mitos fundadores da nossa história e numerosos trabalhos artísticos, remontando à antiguidade as suas primeiras referências.
- Através do “mundo dos irmãos”, as crianças aprendem não só a negociar e cooperar, mas também a rivalizar e competir uns com os outros. É esta realidade que possibilita a formação e integração de uma nova rede de relações interpessoais, capaz de desenvolver a noção de partilha e divisão do mesmo espaço físico, mesmas posses materiais ou mesmo afecto dos progenitores.
- **Sigmund Freud** descreve pela primeira vez o termo “complexo fraterno” num artigo de 1923, ao relatar a trajetória de vida de um dos seus colaboradores, Sándor Ferenczi. A rivalidade fraterna é então definida como uma transferência dos afectos edipianos para os irmãos.
- Por outro lado, contributos posteriores propuseram uma abordagem distinta. Para **John Bowlby**, é pelo valor psicobiológico de sobrevivência atribuído à mãe, fonte de alimento, proteção e afecto, que esta se torna a principal “figura de posse” do filho, distanciando-se, assim, de qualquer pressuposto libidinal e/ou erótico. Assim, o complexo fraterno torna-se mais abrangente, incluindo não só a rivalidade entre irmãos, mas também a disputa entre outros elementos da mesma espécie por todo e qualquer bem.
- A relação fraterna também deve ser entendida como símbolo de harmonia, cumplicidade, solidariedade e união. A possibilidade de transmissão de conhecimento, aliada à expressão moderada de frustrações entre irmãos, permite o desenvolvimento de vínculos essenciais ao estabelecimento de relações “suficientemente boas” na vida adulta.



BIBLIOGRAFIA

- Golse, B. (1998). *O desenvolvimento afetivo e intelectual da criança* (3.^a ed.). Porto Alegre: ArtMed
- Klein, M. (1957). *Inveja e Gratidão*. Brasil: Imago Editora Lda
- Didier, H. *Et al* (2004). *Dicionário de psicopatologia da criança e do adolescente*. Lisboa: Climepsi Editores
- Farinha S.; Pires P.; Brito I. (2000). “A inveja no quotidiano, na clínica...”. *Hosp. Júlio de Matos* 2:215 - 220
- Goi, S. (2014). *O complexo fraterno: reflexões acerca do ciúme e da inveja entre irmãos*. *Rev. bras. Psicoter*, 16(2), 49-61
- Trinca, W. (2009). *O sistema mental determinante da inveja*. *Rev. bras. Psicoter*, 43(3)
- Júnior, S. (2003). *Complexo fraternal: A fonte do ciúme e da inveja*. *Psicologia: Teoria e Prática*, 5(2), 55-66
- Brito, A. A. M. *O Ciúme na Infância como Constitutivo do Sujeito*. (2013). Disponível em: <https://psicologado.com/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/o-ciume-na-infancia-como-constitutivo-do-sujeito>. Acesso em: 25 de Abril de 2016
- Stein M. (2001). *La rivalité dans la fratrie et le problème de la haine*. *Cahiers jungiens de psychanalyse* 101, p. 48-62
- Fernandes, O. (2002). *Semelhanças e diferenças entre irmãos*. Lisboa: Climepsi Editores
- Bettelheim, B. (2005). *Psicanálise dos contos de fadas*. Lisboa: Bertrand Editora
- Jeanmet, N. (1990). *O ódio necessário*. Lisboa: Editorial Estampa

